

A MADONA SISTINA

A MADONA SISTINA DE RAFAEL: SERÁ ELA APROPRIADA PARA O JARDIM DE INFÂNCIA?

Rene Querido

Este artigo é uma versão revisada do assunto apresentado numa palestra para professores de Jardins de infância Waldorf, na Conferência de Professores da Regional Oeste, em 1989, realizada no "Rudolf Steiner College", em Fair Oaks, Califórnia.

Das inúmeras obras-primas de pintura da Renascença, talvez nenhuma outra ocupe uma posição tão extraordinária quanto a Madona Sistina, de Rafael. De maneira grandiosa, ela dá corpo a grandes contrastes: o caráter da pintura é tão íntimo quanto majestoso, a atmosfera é celestial e terrena, é sagrada e secular, retratando os mistérios da maternidade e o eterno feminino.

Consta que Rafael (1483-1520), que nasceu numa Sexta-Feira Santa e morreu em outra sexta-feira-santa, aos 37 anos, pintou a Madona Sistina alguns anos antes de sua morte, aos 34 ou 35 anos. Portanto, essa obra pertence ao último período do artista. Apesar de ter servido de peça de altar por um bom tempo, a intenção original pode ter sido muito diferente. Executada sobre tela, em vez de em painel de madeira, como era uso na época, pode ter sido pintada expressamente para ser carregada em procissões, pelas ruas apinhadas de Roma, nas festas em honra à Virgem Maria. Isso também dá a entender que foi destinada a ser urna obra de arte para o povo em geral, e não somente para o clero e a nobreza, apesar de sua grandiosidade e de seu tamanho considerável.

Nos últimos 250 anos, aproximadamente, a Galeria Nacional de Dresden (Alemanha Oriental) foi seu lar. Esta cidade, em tempos bela, foi abalada por um trágico destino, no fim da Segunda Guerra Mundial, quando milhares e milhares de seus habitantes foram mortos num insensato ataque aéreo. O quadro sobreviveu e muitas vicissitudes, tais como guerras, revoluções, insurreições, a partir do século XVIII, e contou, entre seus admiradores, com várias e ilustres personalidades, como Goethe, Novalis e Dostoevski.

Hoje, aproximamo-nos da tela original a partir do fim de uma longa galeria (as figuras são de tamanho natural e o quadro tem, aproximadamente, uns dois metros e meio de altura). Ao chegarmos lentamente perto da Madona, a experiência é avassaladora, pois sentimos que a figura central, que segura a criança, cem em direção ao observador como urna revelação suprassensível. Com as cortinas verdes descerradas de cada lado, parece que cruzamos o limiar que leva a um reino celestial, onde, contra um fundo de inúmeras faces angélicas suportadas por rolos de nuvens, é revelado o mistério da maternidade e de Maria com a criança. A figura central feminina combina um semblante sereno e divino com uma grande beleza terrena. Rafael pode muito bem ter-se inspirado em uma de suas belas modelos, mas aqui ele transformou a experiência numa fisionomia celestial. A criança é notavelmente desperta e, para alguém tão jovem, como que ciente do caminho espinhoso que lhe foi destinado trilhar na terra.

Tem sido dada pouca atenção aos dois santos que ladeiam a figura central. Eles fazem parte intrínseca da composição, assim como os dois querubins alados aos pés do quadro, que espreitam os acontecimentos acima com uma curiosidade calma, um tanto travessa, infantil.

São Sisto II, um velho majestoso, envolto em roupas papais douradas, é visto à nossa esquerda, olhando para cima em profunda reverência e num reconhecimento consciente perante a mãe e a criança. Seu braço e sua mão direita apontam para o observador, ao passo que a mão esquerda ele apoia no coração, num gesto caloroso e compassivo.

Formando um grande contraste, temos, à nossa direita, um retrato da jovem e bela Santa Bárbara, cuja cabeça está voltada para nós com um olhar humilde, e cujas mãos estão devotamente cruzadas sobre o peito.

O passado histórico dessas duas figuras dá um sentido maior ao todo da composição. Tanto Santa Bárbara (235-313) quanto Sisto II (papa de 257 a 258), viveram na Itália no século III depois de Cristo, quando o impulso Crístico original, em sua plenitude, não tinha ainda sido travado pelo dogma da Igreja e pela aprovação do Estado.

Bárbara, famosa por sua beleza, foi trancada numa torre pelo pai: que temia que ela se tornasse cristã. Ela manteve firme sua fé e sofreu horríveis torturas, que a deixaram desfigurada pelo resto da vida. Seu pai mandou matá-la, mas a lenda conta que, quando a ordem estava para ser cumprida, ele foi atingido por um raio. Santa Bárbara viveu até quase os 80 anos e era conhecida por seu amor e seus cuidados para com os pobres e aflitos.

Sisto II, que só ocupou a cadeira papal por um ano, conseguiu estabelecer a paz numa época de terríveis conflitos. Ele fez isso renunciando ao poder. Amplamente admirado por sua compaixão e benevolência, foi canonizado pouco depois de sua morte e era visto com especial veneração, juntamente com São Lourenço, por muitas gerações até a Renascença.

Estas duas notas biográficas nos ajudarão a compreender a sábia escolha de Rafael em retratar particularmente esses santos, de cada lado de Maria e da criança. Eles representam arquétipos: Sisto, do poder transformado em paz, Bárbara, do sacrifício da beleza pelo amor espiritual, ambos inspirados pelo eterno feminino que deu à luz a criança. De fato, se olharmos a figura central

também como um arquétipo divino manifestado na terra em toda a sua glória, beleza e serena força interior, esta obra-prima se afasta de qualquer interpretação unilateral, dogmática. Não é meramente uma pintura cristã, no sentido estreito da palavra. Ela pode empolgar fortemente e intimamente homens e mulheres de qualquer confissão religiosa - cristãos, hebreus, budistas - se for olhada como representante de um ideal de maternidade consciente, porém eterna, carregando a criança que desperta da inocência para intensos atos de amor. Tais representações também são encontradas em outras culturas: em Íeis e seu filho Hórus, em Kwan Yin ou no Canon do Oriente.

Tratemos agora da seguinte questão: deve, necessariamente, haver em nossos Jardins de Infância uma reprodução da Madona Sistina? Se deve, por quê?

Em 1911, Rudolf Steiner explicou ao doutor Peipers, em Munique, a influência terapêutica que exerce a contemplação repetida de uma série de Madonas de Rafael dispostas em forma de pentagrama. Esta série de 15 imagens, a maior parte de Madonas de Rafael (há uma de Donatello e uma de Michelangelo), abre-se com a Madona Sistina, cuja composição já é, por si só, baseada no pentagrama, e culmina com a Transfiguração, de Rafael, sua última e inacabada pintura.

Uma cura espantosamente poderosa pode ser obtida até meditando sobre essas imagens reproduzidas em preto e branco, como era o caso no tempo de Rudolf Steiner, quando ele indicou isso ao doutor Peipers, para seus pacientes. (Hoje, esta série é fácil de ser adquirida em cartões postais coloridos).

Como entender esse processo? Em nossos círculos estamos familiarizados com a ideia de que a alma pode ser fortalecida se meditarmos regularmente num verso ou num mantra. Tais palavras - e Rudolf Steiner nos deu centenas de versos para ocasiões específicas - contém, por seu conteúdo, som, cadência e composição, um poder germinador que procura despertar novas faculdades na alma. Para o professor, isso tem uma importância especial, pois essa atividade interior, praticada na quietude da alma, torna-nos mais aptos a lidar com nossa tarefa de cuidar de crianças e educá-las.

Menos familiar é, talvez, o uso do Yantra, como é conhecido no Oriente: um quadro, um pergaminho de caligrafia (usado principalmente pelos japoneses), ou uma está, que, por sua mera presença numa sala, num lugar de culto ou num quarto particular, dão ao local uma atmosfera de elevação.

Sem usar essa terminologia, Rudolf Steiner praticou o uso de signos e símbolos, de maneira semelhante, pela primeira vez em 1907, na Conferência de Munique. Lá, ele sugeriu que as paredes da sala onde teria lugar a Conferência Rosa-cruz fossem drapeadas do teto ao chão com cortinas de um vermelho escarlate. Foi também nessa

ocasião que os signos e selos ocultos, assim como os modelos das colunas de Joaquim e Boaz, do Templo de Salomão, foram mostrados pela primeira vez. Rudolf Steiner chamou a atenção para o fato de que só sob essas condições é que certos seres suprassensíveis poderiam participar de um evento terreno. Também explicou que, dali por diante, ensinamentos ocultos nunca deveriam ser separados do impulso artístico.

Mais tarde, em 1913/14, por ocasião de toda a complexa construção do primeiro Goetheanum e nos arranjos dos espaços internos e externos, colunas com capitéis esculpidos, vitrais coloridos e cúpulas pintadas, aparece o mesmo tema de forma mais completa e poderosa. Espaço, cor e forma podem exercer uma influência terapêutica benéfica e direta e são capazes de despertar, sob certas circunstâncias, poderes espirituais no observador.

À luz do que acima foi dito, precisamos traçar um caminho equilibrado entre o sentimentalismo exagerado e a abstração fria, ao determinarmos o papel da Madona Sistina no Jardim de Infância. Excluir essa obra-prima totalmente parece uma tolice. Se, por motivos religiosos, os pais se opõem à sua presença, deveríamos tentar ensinar-lhes um ponto de vista mais amplo. Isso não quer dizer que eu esteja sugerindo que algumas das considerações acima devam ser atiradas na cabeça dos pais questionadores. Todo professor de Jardim de Infância tem de ter tato e discrição quanto ao que vai ou não vai dizer. O que importa é que cada um tenha chegado a uma convicção interior depois de algum tempo e que, a partir de sua profunda experiência pessoal, fale aos corações e às mentes dos pais.

Também não é apropriado construirmos um altar com véus coloridos drapeados em volta da Madona Sistina. Uma espécie de santuário com velas criará, com razão, um mal-estar em muitos pais, mesmo nos que estão genuinamente interessados nos novos mistérios, revelados pela Antroposofia. Nossa tarefa, portanto, é difícil: aprender a ver que esta obra-prima extraordinária combina uma atmosfera serena e sóbria com uma revelação divina e que é totalmente desprovida de sentimentalismo. Será que, então, podemos conceder à Madona Sistina um lugar especial na sala, de maneira simples e direta, tendo em mente que a atenção das crianças não deve ser chamada para ela? Ela atua de maneira apaziguadora e curativa só com sua presença.

Uma última palavra: pode ser útil considerar se não é preferível mostrar a reprodução inteira (levando em conta o tamanho do original) em vez de se resolver por um detalhe apenas da pintura. Isso acontece particularmente porque as figuras laterais, pelos gestos e pela atmosfera, expressam as qualidades da paz e do amor. Os querubins, aos pés do quadro, contribuem com uma encantadora qualidade de inocência infantil.

A MADONA SISTINA

Um Símbolo da eterna Espiritualidade nas Pessoas

Por que Rudolf Steiner aconselhou às futuras mães que contemplassem a Madona Sistina de Rafael frequentemente? Ao falar de diferentes tópicos, ele menciona esse quadro, que também é visto em muitos Jardins de Infância Waldorf. Alguns desses comentários nos ajudam a entender tal conselho.

Se alguém, ao contemplar esse quadro, tentasse descrever e exprimir em palavras o que está vendo, observando, sentindo e compreendendo, certamente acharia a resposta. Com isto em mente, os seguintes textos têm a intenção de aprofundar essa experiência e torná-la consciente.

Dr. Helmut von Kügelgen

"Vamos nos permitir, agora, receber as impressões de uma das pinturas de Rafael. Falo da Madona Sistina, que se encontra em Dresden e que, provavelmente, todos nós conhecemos das numerosas cópias espalhadas pelo mundo inteiro. Ela se nos apresenta como uma das mais esplêndidas e nobres obras de arte do desenvolvimento humano. A Mãe, com a Criança, aparece para nós flutuando no ar, descendo das nuvens que rodeiam a terra; ela flutua vindo

do indefinido - poderíamos dizer vindo do mundo espiritual, suprassensível. Ela está revestida e cercada de nuvens, as quais, como que por livre vontade, assemelham-se a formas humanas. Uma, como que solidificada, lembra a criança da Madona. Por sua aparência, a Madona faz nascer em nós sentimentos muito especiais. Diríamos até que, quando tais sentimentos nos invadem a alma, podemos esquecer todas as ideias lendárias que geraram essa pintura e podemos esquecer todas as tradições cristãs que nos falam a respeito da Madona. Gostaria de apresentar esta opinião, sobre o que experimentamos na presença desta Madona, não de uma maneira seca, mas sim da maneira mais profundamente sentida. Quem quer que considere o desenvolvimento da humanidade do ponto de vista da ciência espiritual chega à conclusão de que o ser humano existia antes de existirem os seres dos reinos animal, vegetal e até os do reino mineral. O quadro da Madona com a Criança é o símbolo da eterna espiritualidade das pessoas, que certamente chegam à terra vindas de mais além. Contudo, esta pintura, através das nuvens que se apartam, tem tudo o que só pode surgir ou provir do que é terreno..."

Rudolf Steiner, em 30 de janeiro de 1913

"...e Rafael, de maneira assombrosamente delicada e pura, revelou este mistério, mostrando como a Madona, o ser humano, a partir das cabeças espirituais dos anjinhos, toma forma e gera, de maneira renovada, a floração de Jesus de Nazaré, que irá receber a semente do Cristo. Toda a evolução da humanidade está magnificamente contida neste quadro da Madona!..."

Rudolf Steiner, em 22 de dezembro de 1908

"Na Madona Sistina, vemos que um grande mistério cósmico está sendo gravado nos corações humanos e podemos nos apoiar nisso como base para o futuro. Quando a humanidade tiver chegado a se constituir numa Cristandade não sectária, ampla e abrangente - o que hoje já é representado pela Ciência Espiritual - estaremos aptos a continuar criando esse maravilhoso mistério, que influenciou as mentes humanas tal como o fez a Madona Sistina. Frequentemente tive a comprovação de que, quando observamos o olhar de uma criança, sabemos que há nele alguma coisa que não entrou em seu ser durante o nascimento, é algo que provém das profundezas da alma humana. Se observamos as crianças do quadro da Madona de Rafael, vemos em seus olhos os mesmos elementos daquilo que é divino, secreto e sobre-humano e que encontramos ainda nos olhos de uma criança recém-nascida. Podemos observar isso em todas as pinturas que Rafael fez de crianças, com uma única exceção. Uma das crianças que ele pintou não pode ser interpretada dessa maneira: é o Menino Jesus da Madona Sistina. Contemplando seus olhos, compreendemos que, nessa criança, há mais do que é possível haver num ser humano. Rafael fez essa diferença: a de que só nessa criança da Madona Sistina existe algo que logo sentimos ser puramente espiritual, algo que tem a ver com o Cristo."

"Já que somos pessoas com sentimentos, somos também criaturas, seres das Hierarquias, e também atuamos onde as Hierarquias atuam. Trabalhamos nesta organização, realizamos feitos que não são só para nós, mas, por meio deles, estamos trabalhando juntos em toda a estrutura do mundo. Através de nossos sentimentos, servimos aos elevados seres que estão dando forma ao mundo. E se, ao contemplarmos a Madona Sistina, acreditamos estar satisfazendo o sentimento que surge em nós, é sinal de está tendo lugar um processo real, um acontecimento real. Se tais sentimentos não estivessem presentes, os seres que deveriam estar trabalhando juntos nas futuras condições e encarnações na terra não teriam a força necessária para realizar esse trabalho. Nossos sentimentos são tão necessários para a estrutura das casas que os deuses estão construindo na terra como são necessários os tijolos para a construção da casa de uma pessoa. E o que sabemos a respeito de nossos sentimentos ainda é apenas uma parte. Sabemos a alegria que é, para nós, estar diante da Madona Sistina. Mas o que acontece ali faz parte do mundo inteiro, e é bem imaterial a maneira como a abordamos em nossa consciência..."

Rudolf Steiner, em 6 de julho de 1915

"... E, se você olhar para a magnífica pintura chamada "Mater Gloriosa", que está recebendo a alma de Fausto, nela você terá o reverso daquilo a que Rafael alude em seu mais famoso quadro, a Madona Sistina, em que a Virgem Mãe traz a alma para a terra; no fim do Fausto, vemos a Virgem Mãe levando a alma para cima. E o nascimento da alma após a morte..."

Rudolf Steiner, em 17 de janeiro de 1915

"Eu já conhecia a sagrada Madona Sistina de Rafael, por cópias ou gravações em cobre, e sempre contemplei com assombro o olhar da criança abrangendo o mundo e o semblante e a natureza virginal, profundamente sentidos, da mãe dessa criança divina. Você vê aí representados, com as pinceladas mais magistrais do mundo, Criança e Deus e Mãe e Virgem, tudo ao mesmo tempo, num divino esplendor. Este quadro é, por si só, um mundo, um mundo repleto de arte, e ele, sozinho, teria bastado para tomar imortal seu criador, mesmo que ele não tivesse pintado mais nada."

Dresden, 16 de agosto de 1813